



REACTOR EM SACAVÉM

«Assistimos ao dar voz à ignorância» — diz Carlos Teixeira

“Assistimos ao dar voz à ignorância”. Foi assim que o presidente da Câmara de Loures, Carlos Teixeira, caracterizou a preocupação à volta do Reactor Português de Investigação, quando de uma visita às instalações do Instituto de Tecnologia Nuclear, em Sacavém, a 03 de Julho.

MIGUEL DOMINGUES

Acompanhado por Fernando Neves, presidente da Junta de Freguesia da Bobadela, e pelo Professor Júlio Montalvão e Silva, director do Instituto de Tecnologia Nuclear, Carlos Teixeira afirmou não ter “qualquer problema nem quaisquer receios” face a uma das mais importantes estruturas científicas do Concelho.

A visita guiada, em que os dois responsáveis foram acompanhados por João Galhardas, vereador para o Ambiente e o Turismo e por uma comitiva de jornalistas,

deveu-se à instauração de um processo a Portugal por parte da Comissão Europeia, devido a um alegado incumprimento das obrigações Euratom.

Em causa estava a falta de aprovação dos programas de descarga de efluentes gasosos radioactivos, violando assim as normas comunitárias.

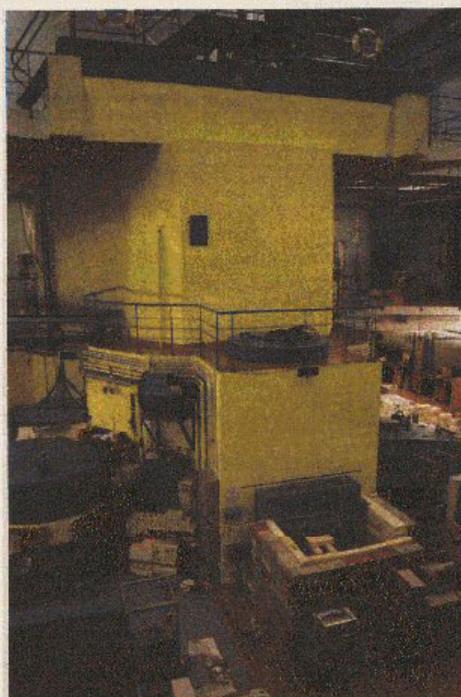
Montalvão e Silva diz ter recebido a notícia “inicialmente com algum espanto mas depois com alguma compreensão”.

De acordo com o responsável, o objectivo da medida é “pressionar

Portugal a entregar o seu relatório de efluentes”, algo que será feito assim que estiver concluída a transformação do Reactor, que deixará de utilizar urânio altamente enriquecido e passará a utilizar urânio altamente enriquecido e passará a utilizar urânio altamente enriquecido a menos de 20 por cento.

“Não faz sentido preparar um relatório agora; faz sentido preparar um relatório para o futuro”, comentou o mesmo responsável.

No entanto, o director do Instituto de Tecnologia Nuclear vai mais longe e fala de “precipi-



tação” por parte da Comissão Europeia.

Montalvão e Silva baseia-se, para sustentar esta visão, numa reunião tida anteriormente com técnicos europeus em que o prazo de entrega do relatório de efluentes foi acordado para depois da transformação do reactor.

O cientista afirma ainda que “é efectuado um controlo contínuo das descargas de efluentes” e revela que, no mesmo dia em que o processo foi tornado público, o Insti-

tuto recebeu uma carta da Agência Internacional de Energia Atómica afirmando que o relatório de segurança elaborado pelo organismo era “muito exaustivo e tecnicamente muito sólido”.

As explicações do director do ITN satisfizeram os autarcas. Carlos Teixeira disse “ter acompanhado, nos últimos três ou quatro anos” o trabalho desenvolvido no Instituto e mostrou-se convencido de que no Reactor se desenvolvem projectos de “grande

qualidade” e de que “o ITN é uma mais-valia para Portugal”.

Contudo, o edil aproveitou para deixar um aviso no que concerne à segurança das instalações: “Aqui não pode haver distrações”.

O Reactor Português de Investigação foi inaugurado em 1961. Com uma potência de um megawatt, é actualmente utilizado para a pesquisa médica e, sobretudo, para estudos de impacto ambiental, nomeadamente na medição da quantidade de materiais pesados presentes na atmosfera.

A arrefecê-lo está uma piscina com nove metros de profundidade e com uma área de 52 metros quadrados, de onde são substituídos cerca de dois mil litros de água semanalmente, que se perdem com a evaporação natural. Presentemente, é o único reactor de investigação na Península Ibérica.

Na opinião de Jorge Duarte, um dos cientistas responsáveis pelo funcionamento da estrutura, este é um reactor “muito simples, pequeno, ultra-seguro e sobredimensionado” — alguns modelos semelhantes ao português trabalham com uma potência de 10 megawatts nalguns países.

O técnico explica ainda que há uma renovação constante dos equipamentos, dado que as exigências de monitorização têm vindo a aumentar.

Como tal, o ITN aposta na “manutenção preventiva” do reactor, substituindo as peças antes de estas se avariarem e tornando-o “o mais jovem possível”.

Quanto à sempre complexa questão dos resíduos, Jorge Duarte explica que “o Reactor de Investigação Português não produz resíduos de alta radioactividade” e que “os resíduos produzidos são enviados para tratamento nos Estados Unidos”, o mesmo país que cede o combustível para o Reactor.

Todos os intervenientes se queixaram de algum preconceito existente face ao nuclear.

Jorge Duarte lembra que “em todas as fotos tiradas por jornais e em todas as reportagens de televisão sobre o nuclear, há sempre uma foto do sinal radioactivo”.

Montalvão e Silva afirma que “a palavra reactor é suficiente, do ponto de vista psicológico, para deixar as pessoas preocupadas”.

A visita de 03 de Julho serviu, então, como demonstração de grande confiança institucional na Segurança do Reactor de Investigação Português.

